

TRADUÇÃO

ISSUES IN DIACHRONIC CONSTRUCTION MORPHOLOGY

Muriel NORDE and Graeme TROUSDALE
(Humboldt-Universität zu Berlin | University of Edinburgh)

QUESTÕES EM MORFOLOGIA CONSTRUCIONAL DIACRÔNICA

Carlos Alexandre GONÇALVES
(UFRJ/CNPq)

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, tem havido um interesse crescente na Gramática de Construções Diacrônica (DCxG), uma abordagem cognitiva da mudança linguística que se preocupa com a maneira que os pares forma-significado, de vários graus de abstração e complexidade, são convencionalizados, adaptados e perdidos em uma comunidade linguística.

Recentemente, tem havido um interesse particular nas maneiras pelas quais as construções são organizadas em redes (ver, por exemplo, os artigos em Barðdal et al. 2015; Sommerer e Smirnova 2020), bem como no conceito de paradigmas como agrupamentos de palavras complexas que compartilham a mesma base ou que estão relacionadas por afixos flexionais ou derivacionais (Diewald 2020; Diewald; Politt 2022). Dentro da abordagem construcionista, a mudança morfológica é, no entanto, relativamente pouco estudada, apesar dos avanços na Morfologia de Construções (CxM, por exemplo, Booij 2010) e do foco na morfologia em estudos de gramaticalização, que formaram a base de muitos trabalhos anteriores em DCxG. Além disso, o trabalho em Morfologia de Construções Diacrônicas concentra-se principalmente no inglês e em outras línguas germânicas, como o holandês e o alemão (por exemplo, Eitelmann, Haugland & Haumann 2020; Kempf & Hartmann 2018; Norde & Van Goethem 2018), o que torna a base tipológica da estrutura bastante superficial (mas veja Croft 2020 para uma perspectiva tipológica sobre CxG).

Nesta Edição Especial, exploramos como a Morfologia de Construções Diacrônicas (DCxM) pode melhor fornecer uma estrutura para a compreensão da mudança morfológica em línguas tipologicamente diversas. Estamos particularmente interessados nas semelhanças e diferenças entre a mudança flexional e a mudança derivacional a partir de uma perspectiva construcionista, na compreensão de como as construções morfológicas são organizadas paradigmaticamente, nas mudanças na produtividade dos esquemas morfológicos e na relação entre a mudança morfológica e a mudança categorial. Além disso, esta edição aborda paralelos entre a mudança morfológica e a mudança em outras partes do constructicon, por exemplo, nas mudanças na construção da estrutura argumental (Zehentner; Traugott 2020), ou o desenvolvimento de construções futuras (Hilpert 2008).

Os artigos deste volume focam-se em mudanças na morfologia em sentido amplo (abrangendo tanto a flexão como a formação de palavras), seja numa única língua ou em mais de uma, com o objetivo de responder a uma ou mais das seguintes questões de investigação:

Muriel NORDE; Graeme TROUSDALE (trad. Carlos GONÇALVES)

1. Como a mudança morfológica pode ser entendida como alterações nas redes construcionais, por exemplo, expansão da rede (novas construções ou esquemas), redução da rede (perda) ou realinhamento da rede (por exemplo, reorganização das classes flexionais)?
2. Qual é o papel da produtividade nas mudanças nas construções morfológicas?
3. Como a DCxM fornece uma estrutura adequada para explicar a gramaticalização e a desgramaticalização (secundárias)?

Na segunda seção desta introdução, oferecemos um breve esboço da estrutura CxM e como ela pode ser formalizada usando esquemas construcionais. Abordamos ainda alguns conceitos importantes em DCxM: redes, paradigmas e produtividade.

O FRAMEWORK

A Morfologia Construcional (CxM), como o termo sugere, é uma abordagem construcionista da morfologia, desenvolvida inicialmente por Geert Booij (por exemplo, Booij 2010, 2013, 2016, 2018). Adotando a visão de que a construção mínima é a palavra, a Morfologia Construcional se preocupa principalmente com palavras complexas, em que “palavras complexas não são vistas principalmente como uma concatenação de morfemas, mas como unidades significativas independentes dentro das quais certos subcomponentes (morfemas) podem ser distinguidos com base em relações paradigmáticas com outras palavras” (Booij 2018:4-5). Morfemas presos, ou seja, afixos derivacionais e flexionais, são considerados parte de construções morfológicas, mas não como construções em si. Isso está em consonância com a afirmação de Langacker de que, embora os morfemas sejam “simbolicamente mínimos” (Langacker 2008:176), as construções consistem em “um conjunto de estruturas simbólicas ligadas por correspondências” (Langacker 2009:16).

Esta não é meramente uma decisão terminológica, contudo; é uma decisão que tem consequências para a análise de palavras complexas e as formas como elas estão interrelacionadas. Tomar o morfema como a construção mínima funcionaria bem se as gramáticas fossem sistemas transparentes de signos recorrentes e os meios para combiná-los em unidades maiores, mas “poucas, se alguma, línguas se conformam a esta descrição idealizada” (Blevins 2016: 53). Em vez disso, encontramos palavras complexas que não são formalmente segmentáveis, como o inglês *had* (Bybee 2010: 23), ou formas que são formalmente derivadas, mas a base não existe como um morfema independente, como nomes de lugares com ‘sufixos de cidade’ (Hamilton e Grimsby; Booij & Audring 2018:61). Além disso, palavras complexas não são necessariamente concatenativas (Masini; Audring 2019); exceções são palavras flexionadas que dependem da mudança vocálica em vez de afixação, como a apofonia em verbos fortes germânicos (por exemplo, o inglês *sing – sang*) ou o trema em alguns plurais germânicos (por exemplo, o alemão *Gast – Gäste* (alto alemão antigo *gesti*) ‘convidado – convidados’). Em outros casos, uma função não é expressa por uma sequência fonológica específica, mas emerge de uma estrutura abstrata. Por exemplo, padrões reduplicacionais podem expressar funções gramaticais como plural (por exemplo, Warlpiri kurdu-kurdu (criança-criança) ‘crianças’) ou mudanças no significado lexical (por exemplo, finlandês *koti-koti* (casa-casa) ‘casa dos pais’ (cf. Freywald; Finkbeiner, 2018 e referências ali citadas). Casos especiais incluem reduplicação de *shm-* (regras – *schmules*, cf. Ungerer; Hartmann 2020), ou reduplicação de afixos como em *fix-er upp-er* (Lensch 2018).

Palavras complexas são problemáticas para teorias morfológicas que separam estritamente o léxico, como uma lista de palavras, da gramática, como uma lista de regras.

Questões em morfologia construcional diacrônica

Nessas abordagens, palavras complexas ‘regulares’ são computadas aplicando-se regras a itens lexicais específicos, enquanto palavras ‘idiossincráticas’ são armazenadas no léxico (Jackendoff 2017:192), mas a distinção não é nada clara. Por exemplo, em uma análise acústica de substantivos plurais holandeses, Kemps et al. (2005) mostraram que formas plurais como *boeken* ‘livros’ não consistem em *boek* (singular) mais um sufixo plural em – na verdade, a vogal radical /u/ é encurtada no plural, o que os leva a concluir que “[p]lurais não são apenas singulares com um sufixo adicional” (Kemps et al. 2005: 444). Consequentemente, pode-se argumentar que não há vantagem cognitiva em aplicar uma regra de pluralização a um radical, visto que “nenhuma economia é alcançada por uma descrição que reduz variantes a um único item” (Blevins 2016: 56). Anteriormente, Langacker (1987:492) denominou isso de “falácia da lista de regras”, ou seja, “[a] falácia excludente que sustenta, com base na simplicidade, que enunciados (listas) particulares devem ser excluídos da gramática de uma língua se enunciados (regras) gerais puderem ser estabelecidos que os englobem”.

Em abordagens construcionistas, essa falácia é contornada ao se abandonar uma demarcação estrita entre léxico e gramática, avançando, em vez disso, em um modelo de conhecimento linguístico no qual as abstrações fazem parte de uma rede construcional. No entanto, em vez de regras, que são tipicamente orientadas à entrada, a CxM usa o conceito de esquemas, que são concebidos como generalizações sobre agrupamentos de construções semelhantes e, portanto, orientados à saída. Uma vez estabelecidos, tais esquemas podem formar novas palavras complexas que estão sendo adicionadas a esses agrupamentos. Em um modelo orientado à saída, os esquemas podem ser “relacionais”, identificando semelhanças entre agrupamentos de palavras semelhantes, ou “generativos”, como base para a formação de novas palavras (Jackendoff; Audring 2016:472). Isso implica que um esquema de saída “possibilita expressar generalizações sobre conjuntos de palavras mesmo quando o padrão morfológico envolvido não é mais produtivo” (Booij 2018:6). Na próxima seção, discutiremos o conceito de esquemas com mais detalhes e retornaremos à questão da produtividade (parcial) dos esquemas.

Um segundo argumento a favor de uma abordagem baseada em palavras são os chamados “esquemas de segunda ordem” (Booij; Masini 2015) para pares de palavras complexas que são definidas em relação umas às outras, como *altru-ismo* ~ *altru-ista* ou *pacif-ismo* ~ *pacif-ista*, em que “o significado da palavra em -ista pode muitas vezes ser parafraseado como ‘pessoa com a habilidade, disposição ou ideologia denotada pela palavra em -ismo’” (Booij; Masini 2015: 50).

Esquemas morfológicos

Booij (2010) entende os esquemas morfológicos como um meio de representar informações sobre a estrutura das palavras que são armazenadas na memória e que podem ser especificadas em diferentes graus de generalidade. Assim como outras abordagens à estrutura da linguagem que são baseadas no uso (por exemplo, Hudson 2007; Goldberg 2019), a representação do conhecimento morfológico é construída de baixo para cima, ou seja, envolve a aprendizagem de generalizações. Isso significa que a esquematização na mudança morfológica deve envolver o apagamento de detalhes sobre estruturas de palavras específicas (em um nível mais geral) à medida que a categoria representada pelo esquema passa a conter mais membros.

Por exemplo, os diminutivos holandeses com estrutura X-je geralmente significam ‘pequeno X’ (portanto, *lamp* ‘lâmpada’ > *lampje* ‘lâmpada pequena’), mas X nem sempre precisa ser um substantivo (por exemplo, *uit* ‘para fora’ > *uitje* ‘saída’). A forma do

Muriel NORDE; Graeme TROUSDALE (trad. Carlos GONÇALVES)

diminutivo depende da forma fonológica do radical (por exemplo, broer ‘irmão’ > broertje ‘irmãozinho’; boom ‘árvore’ > boompje ‘arvorezinha’; pen ‘caneta’ > pennetje ‘caneta pequena’), e alguns dos casos específicos têm significados idiossincráticos que devem ser armazenados no nível do construto individual (por exemplo, telefoon ‘telefone’ > telefoontje ‘telefone pequeno’ ou ‘ligação telefônica’). Assim, a ideia de que um esquema pode ser definido como “um padrão que expressa uma regularidade na linguagem” (Jackendoff 2017: 196) é particularmente útil, pois reconhece (ainda que implicitamente) que as irregularidades precisam ser armazenadas no nível mais baixo possível.

Os esquemas morfológicos são tipicamente representados na Morfologia da Construção como em (1), que é uma representação para a composição nominal germânica (Booij, 2010: 17, 51), em que a seta de duas pontas significa a ligação construcional entre a forma à esquerda e o significado à direita.

$$(1) \quad [[a]_{Xk} [b]_{Ni}]_{Nj} \longleftrightarrow [SEM_i \text{ with relation } R \text{ to } SEM_k.]_j$$

A generalidade se expressa de várias maneiras. No que diz respeito à forma, a e b não são especificados fonologicamente, e o subscrito X destaca que a primeira parte de um composto nominal germânico pode pertencer a diversas categorias gramaticais diferentes. No que diz respeito ao significado, a relação R é subespecificada (para acomodar diferenças entre a composição bahuvrihi e dvandva, por exemplo), assim como a semântica das partes componentes do composto.

Esses esquemas são importantes diacronicamente, pois suas representações de forma e significado variam ao longo do tempo, e, de fato, novos esquemas podem ser criados com base em uma reanálise de um item lexical existente (como nos substantivos em inglês para vários escândalos com o sufixo -gate, seguindo a reanálise de Watergate como um epônimo via metonímia; veja também Booij 2010:90 para extensões em holandês). Essas reanálises podem envolver a criação de subesquemas, cada um com sua própria história (ver Eitelmann, Haugland; Haumann 2020 sobre a história do sufixo inglês -ish, e a análise construcional relacionada em Traugott e Trousdale 2013: 233–7). Uma questão importante (abordada, entre outros, por Hilpert 2015 em uma discussão sobre compostos em inglês encabeçados por participípios) diz respeito à plausibilidade psicológica das abstrações que os esquemas pretendem representar. Para o analista, há parcimônia em criar generalizações sobre esquemas para expressar certas coisas compartilhadas em um conjunto de pares forma-significado, mas a questão é controversa quanto a se os próprios falantes fazem essas generalizações. Este tem sido um debate teórico central na Linguística Cognitiva há algum tempo (por exemplo, Lakoff 1990; Dąbrowska 2016; Dancygier 2017), mas só recentemente passou a ser o foco em abordagens diacrônicas, incluindo a Gramática de Construções (Hartmann 2021). Isso é particularmente importante em casos de variação, e ainda mais em casos de variação ao longo do tempo, pois, embora seja certamente verdade que um esquema morfológico altamente geral possa facilitar uma solução elegante para um problema na linguística diacrônica, pode não ser o caso de que esse esquema tenha sido alguma vez um item de representação de conhecimento na mente de um indivíduo. Igualmente importante, vários subesquemas podem surgir e desaparecer ao longo do tempo. Por exemplo, na história inicial do inglês, era possível criar gentílicos usando o esquema -ish (por exemplo, dinamarquês, sueco), mas outros padrões se tornaram disponíveis (por exemplo, australiano, americano; chinês, nepalês; iraquiano, paquistanês), e o esquema -ish passou a ser usado para derivar conjuntos de palavras com significados diferentes. Os esquemas morfológicos são, portanto, fluidos, e o grau de seu enraizamento e convencionalização varia ao longo do tempo.

Questões em morfologia construcional diacrônica

Redes morfológicas

Trabalhos recentes em CxM, e de fato em CxG de forma mais geral, têm destacado a importância das relações em rede para a compreensão da estrutura das palavras. A ideia de que as ligações entre e através das palavras são organizadas como uma rede é compartilhada por diversas teorias linguísticas, como a Morfologia de Redes (Brown; Hippisley 2012), a Gramática de Palavras (Hudson 2007), bem como nas várias vertentes da Gramática de Construções. A natureza e, especialmente, o grau de classificação desses *links* são objeto de significativo debate, particularmente porque se diz que eles codificam relações de vários tipos. Devido às limitações de espaço, nosso foco aqui está nas estruturas de rede conforme foram empregadas em modelos de estrutura da linguagem baseados no uso, que consideram a construção como o bloco básico da linguagem. Reconhecemos que as teorias da morfologia que utilizam redes variam na medida em que concordam com o seguinte.

Foram apresentadas ligações de herança para explicar as relações entre esquemas construcionais, seja na sintaxe (Goldberg 1995) ou na morfologia (Booij 2010). Há uma tradição nesse tipo de trabalho na Linguística Cognitiva que normalmente entende a herança como operando por padrão, ou seja, onde a informação armazenada em níveis mais gerais e abstratos flui para níveis “inferiores”, a menos que haja informação conflitante armazenada nesse nível inferior. Por exemplo, embora exista uma construção morfológica geral em inglês da forma:

$$(2) \quad [[V_i\text{-able}] \longleftrightarrow [\text{can be SEM}_i\text{-ed}]]$$

Este link sanciona expressões como *beatable* e *fixable*, o significado de ‘agradável para beber’ associado à forma *drinkable* precisa ser estipulado no nível lexical e não no nível do esquema. Compreender o léxico como uma “hierarquia de tipos” (Booij, 2010: 25) é uma forma de representar esse fluxo descendente de informações. À primeira vista, tal árvore de herança pode não parecer isomórfica a uma rede cognitiva, mas é importante entender que os nós em tal árvore não herdam de um único ancestral: a questão da herança múltipla é crucial, especialmente em relação à mudança linguística. Em sua discussão sobre construções de múltiplas fontes em mudança, De Smet, Ghesquière e Van de Velde (2015: 7) observam que “[e]m morfologia, invocar múltiplas proveniências é menos comum” do que no caso da mudança fonológica e semântica. O exemplo clássico que citam é a supleção no paradigma do francês *aller*, cujas formas do presente se conectam historicamente tanto com o latim *vadere* (por exemplo, 1ª pessoa do singular *vais*), quanto com o latim *ambulare* (por exemplo, 1ª pessoa do plural *allons*) e cujas formas do futuro se conectam com o latim *ire* (por exemplo, 1ª pessoa do singular *irai*). Mais complexa é a discussão deles sobre homoplasia morfológica (cf. Van de Velde; Van der Horst, 2013) em relação ao prefixo *a-* do inglês (De Smet, Ghesquière; Van de Velde 2015:10–11). Formas adjetivas sincronicamente semelhantes, como *asleep*, *akin* e *awake*, derivam de combinações de tipos historicamente diferentes (Proto-Germânico *ana, *aba e *us, respectivamente para as três formas citadas), enquanto formas não adjetivas com prefixo *a-* têm linhagens diferentes (por exemplo, o *a-* na preposição *along* deriva do Proto-Germânico *anda, enquanto o *a-* no verbo *ameliorate* pode ser rastreado até o latim *ad-* via francês antigo *a-*).

Isso leva a outra área de importância para redes na mudança morfológica: ligações não entre tipos de generalidade diferente, mas entre partes de um esquema ou uma de suas instâncias. Isso é relevante para a mudança morfológica de várias maneiras:

- (i) Em casos de lexicalização (como o termo é usado por Brinton & Traugott 2005), as ligações entre partes de uma instância de um esquema morfológico podem ser perdidas. Assim, palavras monomorfêmicas sincrônicas como *sheriff* (< OE *scir*

Muriel NORDE; Graeme TROUSDALE (trad. Carlos GONÇALVES)

+ *refa*), *gospel* (< OE *god* + *spell*, lit. boas novas) e *halibut* (< OE *halig* + *butte*, lit. peixe-chato sagrado) derivam de compostos. Essas palavras costumavam ser sancionadas pelo esquema (1), acima, mas claramente não são mais.

- (ii) Um preenchimento de *slot* específico pode aparecer em esquemas diferentes para a mesma função, às vezes com diferenças de significado. Assim, alguns substantivos deadjetivais em inglês podem ser formados por meio do sufixo *-th* (por exemplo, *length*, do germânico **lang* + **þu*) ou *-ness* (por exemplo, *longness*), em que *length* significa ‘a medida de algo de uma extremidade à outra’ e *longness* significa ‘a propriedade de ser longo’.
- (iii) Existem expansões de classes hospedeiras de vários tipos (cf. Himmelmann 2004), em que os esquemas morfológicos têm estruturas componentes que são especificadas inicialmente para apenas uma categoria lexical, mas posteriormente permitem mais de uma categoria no mesmo espaço, como é o caso do *-ish* em inglês discutido acima.

Assim, as redes morfológicas consistem em ligações tanto entre palavras quanto dentro delas. Tais ligações entre elementos dentro de um determinado conjunto de estruturas morfológicas se conectam à noção de paradigma, à qual voltaremos agora.

Paradigmas em CxM

Em uma abordagem de rede, os paradigmas são concebidos como agrupamentos de construções que estão ligadas pela mesma base ou pelo mesmo sufixo. Essas ligações podem ser interparadigmáticas, quando palavras complexas compartilham o mesmo sufixo (flexional ou derivacional), ou intraparadigmáticas, quando palavras complexas compartilham a mesma base (Norde; Morris, 2018: 54). Tais paradigmas podem ser ainda diferenciados com base em características formais e/ou semânticas que têm em comum. Assim, os diminutivos holandeses estão interparadigmaticamente ligados pelo sufixo diminutivo, mas, dentro deste grupo, encontramos subgrupos de construções de acordo com a classe gramatical da base. Retomando nosso exemplo de diminutivos na seção Redes morfológicas, notamos que uma palavra diminutiva como *wijntje* ‘copo de vinho’ forma um grupo com outros diminutivos de líquidos como *biertje* ‘copo de cerveja’ ou *koffietje* ‘xícara de café’, que, em um nível crescente de generalidade, formam um subconjunto de diminutivos de todos os substantivos incontáveis, depois de substantivos em geral e, finalmente, de todos os diminutivos. A força dessas ligações interparadigmáticas depende, portanto, do número de características que os nós têm em comum (cf. Bybee, 2010: 23). As ligações intraparadigmáticas também podem variar em intensidade, de modo que, por exemplo, o latim *amo* – *amas* – *amat* ‘Eu amo, você ama, ela ama’, ou seja, formas verbais que compartilham tempo e modo, e o latim *amo* – *amabam* – *amabo* ‘Eu amo, eu amei, eu amarei’, formas que compartilham pessoa, formam um subparadigma no paradigma completo *amare*.

Ambos os tipos de paradigmas não são estáticos, mas “moldados pelo uso da linguagem” (Diessel, 2019:19). Uma questão que ainda está em aberto para debate, no entanto, é se os paradigmas existem em virtude de ligações inter e intraparadigmáticas, como argumentado em Norde e Morris (2018), ou se eles próprios são nós na rede, como argumentado em Diewald (2020: 277), que considera os paradigmas “um tipo distinto e complexo de construção – uma “hiperconstrução””. Para Diewald, esse tipo de organização do significado gramatical tem sido negligenciado até agora em abordagens construcionais que se concentram exclusivamente na herança, em que palavras complexas derivam suas propriedades de esquemas abstratos. Ela argumenta que um modelo paradigmático oferece

Questões em morfologia construcional diacrônica

uma solução mais plausível para o “problema de preenchimento de células paradigmáticas”, que se refere à questão de como os falantes são capazes de criar ou processar formas flexionadas às quais não foram expostos anteriormente (Ackerman et al, 2009). Em uma abordagem paradigmática, os falantes inferem formas flexionadas a partir da que já conhecem. Os paradigmas também desempenham papel na mudança, por exemplo, em casos de “pressão paradigmática” (Bauer 2001: 71), que resultam em neologismos analógicos, um exemplo sendo novas palavras em -ee (por exemplo, *inquisitor* ~ *inquisitee*, que são baseadas em pares existentes como *employer* ~ *employee*). Diewald (2020) e Diewald e Politt (2022) argumentam ainda que a “paradigmatização”, retirada de Lehmann (2015 [1982]), deveria ser mais proeminente em abordagens construtivas da mudança. Em uma estrutura DCxM, a paradigmatização poderia ser reformulada como um tipo específico de reorganização de parte da rede.

Produtividade e CxM

Em termos tradicionais, a produtividade de um padrão de formação de palavras refere-se ao seu potencial para formar novas instâncias desse padrão. Nessa definição, o sufixo inglês -th é considerado improdutivo, enquanto -ness é produtivo. No entanto, a produtividade não é um conceito estático e absoluto – os falantes são capazes de cunhar novas palavras como *shallowth* (enTenTen20)¹, o que pode ser visto como um sinal da pressão paradigmática discutida na seção anterior. Assim, “a linha divisória entre produtivo e improdutivo é muitas vezes muito difícil de identificar, a produtividade marginal ainda é importante e ainda é produtividade [...], e é perigoso presumir que qualquer padrão reconhecível esteja completamente extinto.” (Bauer, 2021:14). A produtividade não é apenas não absoluta, como também pode variar de acordo com o significado. Por exemplo, o sufixo inglês -er é muito produtivo em substantivos deverbiais que denotam agentes (por exemplo, *killer*), mas muito menos em substantivos deverbiais que denotam localização (por exemplo, *diner*) (Bauer, 2021:12).

Uma questão central na pesquisa sobre formação de palavras é a relação entre produtividade e criatividade. Os dois conceitos são frequentemente vistos como polos opostos, representando a distinção entre a formação de palavras regida por regras e a não regida por regras (Arnaud, 2013: 97), mas essa dicotomia rígida é problemática de um ponto de vista diacrônico. Um exemplo disso é a fusão – não existe um esquema geral para as fusões, mas quando elas inspiram os falantes a criar fusões semelhantes, podemos chegar ao ponto de “geração de morfemas” (Fertig 2013: 61), em que uma parte da fusão é reinterpretada como um afixo (Beliaeva, 2019) ou “libfix” (Zwicky, 2010). Exemplos desse gradiente de fusão para libfix são discutidos em Norde e Sippach (2019), sendo um deles o libfix -licious (*tacolicious*, *bloglicious*). Uma possível origem do esquema -licious é a palavra *sodalicious*, que remonta a 1878, sendo uma fusão de *soda* e *delicious* (o adjetivo se refere às agradáveis fontes termais gaseificadas do Colorado) e um trocadilho com *so delicious* (Zimmer, 2006).

Considerar a produtividade e a criatividade como pontos em um gradiente se encaixa bem com a visão do *constructicon* como uma rede associativa (Bybee, 2010), bem como com a proposta de Jackendoff e Audring (2016) para esquemas relacionais e gerativos. Numa perspectiva de rede, a produtividade pode ser reformulada como o potencial de um *cluster* específico se expandir. Em termos de esquema, podemos argumentar que um pequeno *cluster*

1 O corpus enTenTen20 baseado na web (mais de 43,1 bilhões de tokens) está disponível em <https://www.sketchengine.eu/> (Jakubíček et al. 2013.)

Muriel NORDE; Graeme TROUSDALE (trad. Carlos GONÇALVES)

de combinações semelhantes (correspondente a um esquema relacional) pode eventualmente se transformar em um esquema gerativo, por exemplo, um esquema de construções libfix.

Isso não implica, no entanto, que não haja restrições à expansão. Muitos esquemas são apenas parcialmente produtivos, o que Goldberg (2016) vê como a interação de dois processos complementares: categorização dinâmica e preempção estatística. A categorização dinâmica se refere à capacidade dos falantes de agrupar construções semelhantes em *clusters*, e esses *clusters* podem atrair novas construções semelhantes. No entanto, alguns novos membros em potencial são preemptados por formas existentes para o mesmo conceito. “A preempção estatística é um tipo particular de evidência negativa indireta que resulta da audição repetida de uma formulação, B, em um contexto onde se poderia esperar ouvir uma formulação semanticamente e pragmaticamente relacionada, A.” (Goldberg 2016: 377–378). Esse mecanismo de bloqueio está claramente em ação na aquisição da linguagem, na qual a exposição sistemática de, por exemplo, *went* e *feet* bloqueia o enraizamento de *goed* e *foots* nas gramáticas dos aprendizes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ackerman, F., Blevins, J.P., & Malouf, R. (2009). Parts and wholes: Implicative patterns in inflectional paradigms. In J.P. Blevins & J. Blevins (Eds.), *Analogy in grammar: Form and acquisition* (pp. 54–82). Oxford University Press.
- Arnaud, P.J.L. (2013). Word-formation and word-creation: A data-driven exploration of inventiveness in neologisms. *Quaderns de Filologia. Estudis lingüístics*, 18, 97–113.
- Barðdal, J., Smirnova, E., Sommerer, L., & Gildea, S. (Eds.). (2015). *Diachronic construction grammar*. John Benjamins.
- Bauer, L. (2001). *Morphological productivity*. Cambridge University Press.
- Bauer, L. (2021). ‘What is the plural of mouse?’ and other unhelpful questions for morphologists. *Cadernos de linguística*, 2(1), 1–16.
- Beliaeva, N. (2019). Blending creativity and productivity: On the issue of delimiting the boundaries of blends as a type of word formation. *Lexis*, 14.
- Blevins, J.P. (2016). The minimal sign. In A. Hippisley & G. Stump (Eds.), *The Cambridge handbook of morphology* (pp. 50–69). Cambridge University Press.
- Booij, G. (2010). *Construction Morphology*. Oxford University Press.
- Booij, G. (2013). Morphology in construction grammar. In T. Hoffmann & G. Trousdale (Eds.), *The Oxford handbook of Construction Grammar* (pp. 255–273). Oxford University Press.
- Booij, G. (2016). Construction Morphology. In A. Hippisley & G. Stump (Eds.), *The Cambridge handbook of morphology* (pp. 424–448). Cambridge University Press.

Questões em morfologia construcional diacrônica

- Booij, G. (2018). The construction of words: Introduction and overview. In G. Booij (Ed.), *The construction of words: Advances in construction morphology* (pp. 3–16). Springer.
- Booij, G., & Audring, J. (2018). Partial motivation, multiple motivation: The role of output schemas in morphology. In G. Booij (Ed.), *The construction of words: Advances in construction morphology* (pp. 59–80). Springer.
- Booij, G., & Masini, F. (2015). The role of second order schemas in the construction of complex words. In L. Bauer, L. Kőrtvélyessy & P. Štekauer (Eds.), *Semantics of complex words* (pp. 47–66). Springer.
- Brinton, L. J., & Traugott, E. C. (2005). *Lexicalization and language change*. Cambridge University Press.
- Brown, D., & Hippisley, A. (2012). *Network morphology: A defaults-based theory of word structure*. Cambridge University Press.
- Bybee, J. (2010). *Language, usage and cognition*. Cambridge University Press.
- Croft, W. (2020). *Ten lectures on Construction Grammar and typology*. Brill.
- Dąbrowska, E. (2016). Cognitive Linguistics' seven deadly sins. *Cognitive Linguistics*, 27(4), 479–491.
- Dancygier, B. (2017). Introduction. In B. Dancygier (Ed.), *The Cambridge handbook of Cognitive Linguistics* (pp. 1–10). Cambridge University Press.
- De Smet, H., Ghesquière, L., & Van de Velde, F. (Eds.). (2015). *On multiple source constructions in language change*. John Benjamins.
- Diessel, H. (2019). *The grammar network: How linguistic structure is shaped by language use*. Cambridge University Press.
- Diewald, G. (2020). Paradigms lost – paradigms regained: Paradigms as hyper-constructions. In L. Sommerer & E. Smirnova (Eds.), *Nodes and networks in Diachronic Construction Grammar* (pp. 277–315). John Benjamins.
- Diewald, G., & Politt, K. (Eds.). (2022). *Paradigms regained: Theoretical and empirical arguments for the reassessment of the notion of paradigm*. Language Science Press.
- Eitelmann, M., Haugland, K., & Haumann, D. (2020). From *engl-isc* to *whatever-ish*: A corpus-based investigation of *-ish* derivation in the history of English. *English Language and Linguistics*, 24(4), 801–831.
- Fertig, D. (2013). *Analogy and morphological change*. Edinburgh University Press.
- Freywald, U., & Finkbeiner, R. (2018). Exact repetition or total reduplication? Exploring their boundaries in discourse and grammar. In R. Finkbeiner & U. Freywald (Eds.), *Exact repetition in grammar and discourse* (pp. 3–28). Mouton de Gruyter.
- Goldberg, A. E. (1995). *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. The University of Chicago Press.
- Goldberg, A. E. (2016). Partial productivity of linguistic constructions: Dynamic categorization and statistical preemption. *Language and Cognition*, 8, 369–390.
- Goldberg, A. E. (2019). *Explain me this: Creativity, competition, and the partial productivity of constructions*. Princeton University Press.
- Hartmann, S. (2021). Past, present, and future. *Yearbook of the German Cognitive Linguistics Association*, 9(1), 1–34.
- Hilpert, M. (2008). *Germanic future constructions: A usage-based approach to language change*. John Benjamins.

- Hilpert, M. (2015). From *hand-carved* to *computer-based*: Noun-participle compounding and the upward strengthening hypothesis. *Cognitive Linguistics*, 26(1), 113–147.
- Himmelmann, N.P. (2004). Lexicalization and grammaticization: Opposite or orthogonal? In W. Bisang, N.P. Himmelmann & B. Wiemer (Eds.), *What makes grammaticalization? A look from its fringes and components* (pp. 21–42). Mouton de Gruyter.
- Hudson, R. (2007). *Language networks: The new word grammar*. Oxford University Press.
- Jackendoff, R. (2017). In defense of theory. *Cognitive Science*, 41, 185–212.
- Jackendoff, R., & Audring, J. (2016). Morphological schemas: Theoretical and psycholinguistic issues. *The Mental Lexicon*, 11(3), 467–493.
- Jakubíček, M., Kilgariff, A., Kovář, V., Rychlý, P., & Suchomel, V. (2013). TheTenTen corpus family. *7th International Corpus Linguistics Conference CL*, 125–127.
- Kempf, L., & Hartmann, S. (2018). Schema unification and morphological productivity: A diachronic perspective. In Booij, G. (Ed.), *The construction of words: Advances in construction morphology* (pp. 441–474). Springer.
- Kemps, R. J. J. K., Ernestus, M., Schreuder, R., & Baayen, R. H. (2005). Prosodic cues for morphological complexity: The case of Dutch plural nouns. *Memory and Cognition*, 33(3), 430–46.
- Lakoff, G. (1990). *The Invariance Hypothesis: Is abstract reason based on image-schemas?* 1(1), 39–74.
- Langacker, R. W. (1987). *Foundations of cognitive grammar volume I: Theoretical prerequisites*. Stanford University Press.
- Langacker, R. W. (2008). *Cognitive grammar. A basic introduction*. Oxford University Press.
- Langacker, R. W. (2009). *Investigations in cognitive grammar*. Mouton de Gruyter.
- Lehmann, C. (2015 [1982]). *Thoughts on grammaticalization*. Language Science Press.
- Lensch, A. (2018). Fixer-uppers. Reduplication in the derivation of phrasal verbs. In R. Finkbeiner & U. Freywald (Eds.), *Exact repetition in grammar and discourse* (pp. 158–181). Mouton de Gruyter.
- Masini, F., & Audring, J. (2019). Construction Morphology. In J. Audring & F. Masini (Eds.), *The Oxford handbook of morphological theory* (pp. 365–389). Oxford University Press.
- Norde, M., & Morris, C. (2018). Derivation without category change: A network-based analysis of diminutive prefixoids in Dutch. In K. Van Goethem, M. Norde, E. Coussé & G. Vanderbauwhede (Eds.), *Category change from a constructional perspective* (pp. 47–90). John Benjamins.
- Norde, M., & Sippach, S. (2019). *Nerdalicious scientainment: A network analysis of English libfixes*. *Word Structure*, 12(3), 353–384.
- Norde, M., & Van Goethem, K. (2018). Debonding and clipping of prefixoids in Germanic: Constructionalization or constructional Change? In G. Booij (Ed.), *The construction of words: Advances in construction morphology* (pp. 475–518). Springer.

Questões em morfologia construcional diacrônica

- Pijpops, D., & Van de Velde, F. (2016). Constructional contamination: How does it work and how do we measure it? *Folia Linguistica*, 50(2), 543–581.
- Sommerer, L., & Smirnova, E. (Eds.). (2020). *Nodes and networks in Diachronic Construction Grammar*. John Benjamins.
- Traugott, E. C., & Trousdale, G. (2013). *Constructionalization and constructional changes*. Oxford University Press.
- Ungerer, T., & Hartmann, S. (2020). Delineating extravagance: Assessing speakers' perceptions of imaginative constructional patterns. *Belgian Journal of Linguistics*, 34(1), 345–356.
- Van de Velde, F., & Van der Horst, J. (2013). Homoplasy in diachronic grammar. *Language Sciences*, 36, 66–77.
- Zehentner, E., & Traugott, E. C. (2020). Constructional networks and the development of benefactive ditransitives in English. In L. Sommerer & E. Smirnova (Eds.), *Nodes and networks in Diachronic Construction Grammar* (pp. 168–211). John Benjamins.
- Zimmer, B. (2006). The surreptitious history of *-licious*. *Language Log* <http://itre.cis.upenn.edu/~myl/language-log/archives/003546.html>
- Zwicky, A. M. (2010). 'Libfixes' post on Arnold Zwicky's Blog. <https://arnoldzwicky.org/2010/01/23/libfixes/>